

racismo como crime. Em sua edição de dezembro de 2007, “**O Teosofista**” mostrou que C.W. Leadbeater e Annie Besant expressaram em seus livros a ilusão de que os brancos são superiores aos negros e aos indígenas. Vejamos agora, mais especificamente, o que Leadbeater afirmou em relação ao povo brasileiro.

No prefácio da sua obra “The Perfume of Egypt” [1], ele escreve que “as histórias contadas neste livro são verdadeiras”. O conto mais longo da obra descreve, sob o título “Salvo Por Um Espírito”, as supostas experiências de C.W. Leadbeater no Brasil em torno de 1860. Cabe, porém, perguntar: quem afirma que se trata de fato do Brasil? No texto, C.W.L. só menciona “América do Sul”. É C. Jinarajadasa, protagonista da história e suposto irmão de C.W. Leadbeater, quem escreve que os acontecimentos ocorreram no Brasil. Jinarajadasa afirma:

“A história da minha prévia (e gloriosa) morte no Brasil está narrada no capítulo “Salvo Por Um Espírito”, da obra ‘The Perfume of Egypt’, de C.W. Leadbeater.” [2].

No Brasil, a obra de Leadbeater foi publicada com o título geral de “Salvo Por um Espírito”. Jinarajadasa acrescenta que, pouco depois de morrer como irmão biológico mais moço de C.W. Leadbeater, ele nasceu de novo no Sri Lanka. Alguns anos mais tarde Leadbeater foi ao Sri Lanka e o teria “reconhecido” como seu irmão em seu novo corpo.

A obra “A Gnose Cristã”, de Leadbeater, inclui uma pequena biografia do autor. Em uma nota de pé de página para a edição brasileira da Ed. Teosófica de Adyar [3], há a afirmação, com base em “The Theosophical Yearbook of 1937”, p. 219, de que Leadbeater veio ao Brasil quando tinha 13 anos de idade, junto com seu pai e seu irmão Gerald. A nota acrescenta que os acontecimentos narrados em “Salvo Por Um Espírito” ocorreram na Bahia.

A narrativa de “Salvo Por Um Espírito” é surpreendente em vários sentidos. O autor descreve da seguinte maneira o povo brasileiro, à página 109 da edição da Ed. Pensamento:

“Primeiro, vêm os descendentes dos conquistadores espanhóis e portugueses – raça orgulhosa, indolente, elegante e hospitaleira, de forma alguma destituída de boas qualidades, mas, ainda assim, tendo como sua mais forte característica um imensurável desprezo (ou afetação disso) por todas as outras raças, fossem elas quais fossem.”

Há muitos erros nestas poucas linhas. Em primeiro lugar, os espanhóis nunca foram “conquistadores” do Brasil. Por outro lado, os povos português e espanhol não podem ser descritos como uma “raça”. Muito menos como uma “raça indolente”. Em terceiro lugar, os portugueses não demonstravam de modo algum “imensurável desprezo” por outras “raças”. Mas, no parágrafo seguinte, Leadbeater fica ainda mais longe da realidade: “Depois, vinham os índios vermelhos”, diz ele. Como se sabe, nunca houve “índios vermelhos” no Brasil, embora o termo “índios peles-vermelhas” seja comum nas histórias de banguê-banguê do faroeste norte-americano. C.W.L. continua:

“Dessas tribos, muitas tinham adotado um tipo de esqualida semicivilização, mas muitas outras ainda eram selvagens, indomadas e indomáveis – homens que viam o trabalho, fosse de que espécie fosse, como a mais profunda degradação, e que odiavam o homem branco com um ódio tradicional, inflexível, e que (estranho como possa parecer) iam ainda além da reciprocidade do infinito desprezo dos fidalgos espanhóis de sangue azul. Será, sem dúvida, incompreensível para muitos de nós que um selvagem seminu possa manter qualquer outro

sentimento que não seja o da inveja pela nossa civilização superior, por muito que não gostem de nós, mas só posso dizer que o mais autêntico e natural sentimento do Índio Vermelho para com o homem branco é puro e implacável desprezo.” [“Salvo Por Um Espírito”, p. 109.]

O ódio racial brilha tanto quanto a ignorância, nesta passagem infeliz. Novamente temos aqui os “fidalgos espanhóis”, que parecem estar governando o Brasil, um país independente de Portugal desde 1822, e que nunca teve uma classe dominante “espanhola”. Por outro lado, vemos aqui mais uma vez os “Índios Vermelhos”. Finalmente, a verdade é que os povos indígenas no Brasil não tinham mais ódio que amizade pelas pessoas brancas. Assim, esses parágrafos não são de modo algum verdadeiros em relação ao Brasil, ou ao estado da Bahia. Mas Charles W. Leadbeater prossegue:

“Em terceiro lugar vinha a raça negra – parte não pequena da população, em sua maioria em estado de escravidão, embora o governo estivesse fazendo tudo quanto podia para afastar aquela maldição de seus territórios. Por fim, vem o pior, os chamados mestiços, meio sangue – raça mesclada que parecia, como às vezes acontece com esse tipo de raça, combinar todas as piores qualidades das raças de ambos os progenitores. Os índios, os espanhóis, os negros, todos eles os desprezavam, e eles, por sua vez, olhavam todos os outros com virulento rancor.” [“Salvo Por Um Espírito”, metade superior da p. 110]

O trecho faz uma defesa nada sutil do racismo. Ainda que a narrativa não se referisse ao Brasil, e mesmo que ela possa ser vista como uma mera ficção de péssima qualidade, o tom racista presente no texto é enfático, inegável e inaceitável. Estas idéias são radicalmente opostas à filosofia teosófica, e antecipam a ideologia nazista da “raça superior”. Vejamos, para assinalar a posição da teosofia autêntica, a carta de um Mahatma escrita no início dos anos 1880, em que o Iogue relata a posição tomada pelo Mestre dos Mestres, o Chohan:

“Para alcançar o objetivo proposto [para o movimento teosófico], foi determinado que houvesse uma convivência maior, mais sábia, e especialmente mais benevolente, do superior com o inferior, do Alfa e do Ômega da sociedade. A raça branca deve ser a primeira a estender a mão da fraternidade aos povos de cor escura e a chamar de irmão o pobre ‘negro’ desprezado. Esta perspectiva pode não agradar a todos, mas não é teosofista aquele que se opõe a este princípio.”[4]

E H.P. Blavatsky escreveu em “A Doutrina Secreta”, referindo-se a um cientista de nome Agassiz:

“A unidade da espécie humana foi aceita pelo professor de Cambridge do mesmo modo como ela é aceita pelos ocultistas, ou seja, no sentido da homogeneidade essencial e original, com sua origem vindo da mesma fonte: – isto é, negros, arianos, mongóis, etc., todos surgiram da mesma maneira e dos mesmos ancestrais. Estes últimos eram todos da mesma essência, embora diferenciados porque pertenciam a sete planos, que diferiam em grau, mas não em espécie.” [5]

A descrição feita por Leadbeater de relações inter-raciais baseadas em ódio seria motivo de riso, se não fosse tão ofensiva. A frase em que afirma que “por fim vem o pior, os mestiços”, assegurando que “os mestiços combinavam todas as piores qualidades das raças de ambos os progenitores”, é digna de especial atenção por seu tom antecipador do fascismo. Desde uma perspectiva teosófica, muito pelo contrário, misturar culturas e povos de cores de pele diferentes é parte essencial da preparação para a futura humanidade. O primeiro objetivo do

movimento teosófico – a constituição de um núcleo da fraternidade universal sem distinção de raça, entre outros itens – não deixa dúvidas em relação a este ponto.

A história de Leadbeater descreve uma suposta revolta organizada por “índios ferozes” contra a construção de uma estrada de ferro, realizada pelos ingleses. Ele afirma, comentando o momento em que a revolta imaginária estalou:

“Eu passei a mão no meu rifle também – porque eu também tinha um. Naquela região selvagem nem mesmo o pequeno Gerald jamais saiu sem seu minúsculo revólver metido no cinto, e eu, habitualmente, levava um par de Colts, e carregava um rifle comigo, sempre que saía para uma caminhada. E essas precauções não eram de forma alguma desnecessárias...”

É estranho pensar que crianças usassem “minúsculos revólveres” para defender-se, ou que um garoto de 13 anos de idade carregasse “dois Colts e um rifle” cada vez que saía para dar uma caminhada, conforme aparece na página 117 do livro, na edição brasileira. Seja como for, Leadbeater escreve a situação em meio aos violentos combates imaginários:

“Até aquele momento havíamos escapado ilesos, enquanto um número bastante grande de cadáveres jazia em torno da cabana, porque até Gerald havia, valentemente, tomado parte na luta, e abatera pelo menos dois selvagens, além de ferir mais um outro. Do meu lado, um tipo de aspecto feroz havia introduzido a boca do seu rifle através de uma das fendas. Saltei para um lado, agarrei a arma exatamente quando ele a descarregava e disparei meu revólver em cima dele, diretamente para seu rosto. Ele caiu de costas com um gemido, deixando o rifle metido através da fenda.” (página 118, na edição da ed. Pensamento)

Na p. 120, o “bispo” C.W. Leadbeater afirma que, depois de uma pausa, aproveitou a oportunidade para matar outros indígenas:

“... O silêncio transformou-se num pandemônio de sons, os selvagens correndo aos urros em direção à nossa cabana, mais uma vez, disparando louca e incessantemente seus rifles. Eu já havia dado conta de vários dos meus agressores quando meu pai gritou para mim, do outro lado: ‘Aqui, deste lado! Aponte apenas para aqueles homens que trazem o tronco.’ Vi, então, que seis ou oito dos índios estavam carregando um pesado tronco, que contavam usar, era evidente, para derrubar a nossa porta. (...) Concentramos o fogo dos nossos revólveres sobre os que carregavam o tronco; assim, quando chegaram a meia distância a metade deles já estava no chão, e os que ficaram viram que o peso era demasiado para eles. Outros saltaram para a frente, bravamente, a fim de tomar o lugar dos caídos, mas chegaram tarde demais para segurar o tronco que tombava, e desde que ele foi parar no chão, cada homem que se aproximava encontrou a morte.”

No trecho acima, o criador da “Igreja Católica teosófica” confessa que atirava com armas de fogo contra homens desarmados (já que tinham os braços ocupados em carregar o tronco). Atirava, pois, a sangue frio.

Para comprovar a falsidade da narrativa, um teosofista brasileiro solicitou a ajuda de Edivaldo Batista de Souza, que em 1999 presidia a loja teosófica da cidade de Salvador, Bahia. Assim, foi obtido o testemunho de um historiador local. O sr. Desiderio Bispo de Melo, historiador da Universidade da cidade de Salvador, teve a assistência de Mônica Cristina da Fonseca, uma estudante do quinto semestre do curso de História.

O parecer de Desiderio Bispo de Melo diz que uma estrada de ferro estava de fato sendo construída na Bahia em 1860-1862; e que havia ingleses envolvidos. Mas não houve qualquer revolta com as características pintadas por Leadbeater e, na verdade, não houve qualquer revolta. O historiador destaca o fato bem conhecido de que o Brasil, como nação, já possuía na época um aparelho de estado bem organizado. A Bahia era uma das províncias mais importantes do império, e o eventual assassinato de um cidadão inglês teria atraído atenção internacional.[6] Fica estabelecido, deste modo, que nada há de documental na fantástica e desastrosa narrativa do “bispo” Leadbeater. Na época, um destacado líder da Sociedade Teosófica de Adyar no Brasil, seguidor radical de Annie Besant, tentou argumentar:

“Bem, o parecer do historiador mostra que os fatos não ocorreram na Bahia. Eles podem ter ocorrido em algum outro estado...”.

A idéia não faz sentido. Não há registros de revoltas importantes de índios brasileiros contra as autoridades do país, e muito menos na segunda metade do século 19. Os índios brasileiros não usavam armas de fogo. Eles eram vítimas do alcoolismo, e morriam de gripe, de doenças venéreas, de fome, subnutrição, mas não ofereciam resistência à destruição da sua cultura. Mesmo hoje, mais de 500 anos depois da chegada dos homens brancos em nosso litoral, há casos em que os indígenas do estado do Mato Grosso se inclinam para o suicídio, mas não para matar quaisquer cidadãos de cor branca. E isso ocorre porque os nossos índios são mais pacíficos que os “Índios Vermelhos” que eram mortos – não sem resistência – na América do Norte. Mais pacíficos, e também menos desenvolvidos que eles.

O que a narrativa de Leadbeater mostra é apenas o racismo do autor, o seu desprezo pela vida humana e a fantasia irresponsável de que negros e indígenas são moralmente inferiores aos brancos. Errar é humano, mas corrigir os erros também é humano. A grande oportunidade histórica que está hoje diante dos responsáveis pela Sociedade de Adyar é a de abandonar pública e honestamente a pseudo-filosofia de Annie Besant e Charles Leadbeater, e adotar a filosofia da fraternidade universal ensinada por Helena P. Blavatsky, Damodar Mavalankar, William Q. Judge, Robert Crosbie – e centenas de pensadores de todos os povos e de todos os tempos.

NOTAS:

[1] “The Perfume of Egypt”, na edição em inglês. A edição brasileira deste livro de C.W. Leadbeater saiu pela Editora Pensamento, SP, sob o título de “Salvo Por Um Espírito”.

[2] “Os Sete Véus Sobre a Consciência”, de C. Jinarajadasa, livro de 77 pp. editado pela Sociedade Teosófica no Brasil na década de 1960, em SP. Veja, ali, na p. 67, a nota de pé de página escrita por C. Jinarajadasa.

[3] “A Gnose Cristã”, CW Leadbeater, Ed. Teosófica, Brasília, 552 pp. A nota citada está na p. 15.

[4] Carta 1, “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, editadas por C. Jinarajadasa, Ed. Teosófica, Brasília. Veja a metade inferior da p. 18.

[5] “The Secret Doctrine”, Helena Blavatsky, Vol II, p. 607, Theosophy Co., 1982. Veja “A Doutrina Secreta”, Ed. Pensamento, SP, vol. IV, p. 176, nota de rodapé.

[6] Uma cópia xerox da íntegra do documento do historiador baiano pode ser obtida entrando em contato com os editores de “O Teosofista”.

De Robert Crosbie, Sobre o Carma e o Dever.

“Encontramos nosso carma em nossas tarefas diárias”. Este é um pensamento útil e que se deve manter presente. É no desempenho destes deveres que vêm os testes diários. Devemos portanto fazer o que temos que fazer, simplesmente como deveres, sem levar em conta se tal cumprimento nos traz elogios ou críticas. Assim toda energia irá para o cumprimento do dever e não sobrá energia para a idéia pessoal [o pensamento em si mesmo].

[De “The Friendly Philosopher”, Robert Crosbie, Theosophy Co., 1945, Los Angeles, p. 22.]

Uma Represa Reúne Energia

É nos momentos de aparente agitação que devemos, e podemos, estabelecer-nos com mais firmeza na paz. É quando os imprevistos ocorrem um após outro, que temos o momento certo para adotar como nossa base e nosso alicerce aquilo que é interior e estável.

Não há mérito em ter paz interior e controle de si mesmo quando tudo ocorre conforme previsto. É quando há vento contra que reunimos vontade e magnetismo vitoriosos. O vento a favor engana e acostuma mal; os obstáculos ensinam.

A boa represa necessita bloquear e prender grande quantidade de água do rio da vida, resistindo à sua enorme pressão. Então ela produz energia elétrica, sublimando a energia inferior para iluminar uma cidade inteira. A represa pode ocorrer tanto pela auto-disciplina quanto pela resistência ao sofrimento: quem não limita a si mesmo é limitado pela vida.

Teosofistas Discutem Planos Para 2009 **O Estudo de “A Doutrina Secreta”**

[A seguir, reproduzimos trechos de um diálogo no e-grupo SerAtento]

1. Estudante B - Quatrefages e Darwin.

Amigos,

Jean Louis de Quatrefages, médico e biólogo francês do século 19, é um dos autores mais citados por HPB em "A Doutrina Secreta".

Nas polêmicas sobre a origem da nossa humanidade, Quatrefages questiona Darwin. Ele mostra, entre muitas outras incongruências da hipótese Darwiniana, que um símio não poderia ter-se transformado em ser humano em um período de tempo tão curto como o indicado pelo darwinismo. Ele defende a tese teosófica, segundo a qual o homem é, na verdade, mais antigo que o macaco.

No volume dois (edição original em inglês) de "A Doutrina Secreta", H.P. Blavatsky desmonta ponto por ponto a teoria darwinista.

Neste contexto, será interessante examinar os livros de Quatrefages citados por H. P. B. em "A Doutrina Secreta". Entre eles, "L'Espece Humaine" ("A Espécie Humana"), de 1880, do qual um exemplar acaba de ser adquirido no Brasil por um de nós. Deste modo, o trabalho do SerAtento, que já está bem ancorado em termos bibliográficos, continua melhorando sempre em termos de base documental.

As obras de Quatrefages caíram no esquecimento quando se formou o "consenso" em torno de Darwin. E, ao contrário de outros livros amplamente citados por HPB, as obras de Quatrefages ainda não foram reeditadas pelo movimento teosófico. Por que razões? Em parte, isso se deve ao fato de não estarem em inglês, o idioma central do movimento. Outro motivo é que são obras científicas e não religiosas nem filosóficas. Por isso chamam menos atenção dos teosofistas em geral.

No entanto, a origem das espécies e especialmente a origem do ser humano é uma questão para sempre central. Se somarmos forças seguindo o velho critério de afinidade não-burocrática, podemos cumprir um papel em resgatar as obras de Quatrefages. Nos próximos anos, podemos usar recursos como scanner e sites para colocar pelo menos algo dos seus textos à disposição de pesquisadores, sem prejuízo do que exista hoje online. Um projeto de médio prazo para o movimento será retomar o tipo de discussão crítica com a ciência que havia em tempos de HPB.

Atormentados pelas fraudes da pseudo-teosofia de Adyar, os setores autênticos do movimento tiveram bastante trabalho para manter e preservar a literatura teosófica original ao longo do século vinte. E tiveram êxito. Além disso, entre 1975 e 2000, Richard Robb e outros publicaram dezenas de livros que haviam sido amplamente citados por HPB – todos em língua inglesa. Isso é muito positivo, e estas obras serão úteis para nós nos próximos anos. O movimento sobreviveu bem ao ponto mais fraco, talvez, de toda a sua evolução histórica: o século vinte.

Mas o que não se pôde fazer com muita nitidez, durante o século passado, foi questionar os erros da ciência. Estabeleceu-se, e isso é valioso, uma ponte positiva com os aspectos em que a ciência evoluiu aproximando-se da teosofia. Este foi o caso da Biologia com Rupert Sheldrake, e da Física com Fred Hoyle, Fritjof Capra, David Bohm e outros. A arqueologia descobriu os Manuscritos do Mar Morto e a Biblioteca de Nag Hammadí. A Geologia aproximou-se em muitos aspectos da filosofia esotérica. Todas as áreas de conhecimento descobriram a interdisciplinaridade.

Mas o movimento teosófico abandonou quase totalmente a crítica às religiões dogmáticas. E deixou de lado também o diálogo crítico em que se mostra as falhas do pensamento científico convencional. Neste contexto, a questão da origem da espécie humana chama atenção. Este é um dos temas que deveremos abordar, contextualizar, pesquisar e discutir no e-grupo SerAtento e no site www.filosofiaesoterica.com, a partir de 2009.

Os que quiserem preparar-se para o estudo de "A Doutrina Secreta" estão convidados a comprar a edição brasileira da obra em seis volumes. Se puderem ler bem em inglês, vale a pena adquirir também a edição original de 1888, publicada facsimilarmente pela Theosophy

Company de Los Angeles. O projeto é maior do que mera leitura. Inclui estudo, pesquisa, debate, investigação, vivência.

2. Estudante A - O Projeto é Bom.

O projeto é bom. Além de atual e instigante, também é um grande desafio.

Há axiomas científicos tão absolutos em suas épocas, que ninguém pensa em questioná-los. A teoria da evolução, anunciada por Darwin, foi sem dúvida um grande avanço da humanidade na compreensão dos mistérios da vida, incluindo sua origem. Porém, a ansiedade humana é tão grande que parece ter levado a teoria darwinista ao extremo, tornando a explicação para tudo o que há, de tal maneira que se alguém questiona e oferece uma outra opção de entendimento chega a ser visto como um "herege" em relação ao absoluto conhecimento da ciência.

Mas a verdadeira ciência, como estamos vendo acontecer nos últimos tempos, se renova a cada dia. Formas de entendimento são substituídas por outras, cada vez mais fiéis à verdade. As formas de entendimento constroem o mundo, porque são elas que embasam nossa atitude.

Acredito que um estudo como esse, buscando comparar os ensinamentos da Doutrina Secreta com dados científicos amplos, será de grande valor.

Um dos objetivos da teosofia é reunir o conhecimento científico, religioso e filosófico, porque de fato são um só. Em nosso site há um importante texto de HPB - Teosofia É Uma Religião?, em que ela aborda exatamente esse assunto:

“A Teosofia, como tem sido repetidamente declarado por escrito e em voz alta por seus membros e dirigentes, avança por rumos diametralmente opostos a aqueles trilhados pela Igreja; e a Teosofia rejeita os métodos da Ciência, já que os seus métodos indutivos só podem levar a um materialismo crasso. No entanto, na realidade, a Teosofia afirma ser tanto RELIGIÃO quanto CIÊNCIA, porque constitui a essência de ambas. É pelo bem e pelo amor destas duas abstrações divinas - isto é, a religião e a ciência teosóficas - que a sua Sociedade tornou-se um voluntário *catador de lixo* tanto na religião ortodoxa quanto na ciência moderna; assim como uma implacável Nêmesis [Carma] para aqueles que degradaram as duas nobres verdades em função dos seus próprios objetivos e propósitos e depois divorciaram violentamente uma da outra, embora as duas devam ser, e *sejam, apenas uma*. Provar isso é também um dos nossos objetivos ao escrever este texto.”

O restante está no link <http://www.filosofiaesoterica.com/ler.php?id=43>, é fácil acessar. Assim, o trabalho que se propõe para começar em 2009 está inteiramente dentro da proposta teosófica original, e trará oportunidade para muitas descobertas transformadoras.

3. Estudante B - Contextualizar o Estudo.

Obrigado. Realmente, H.P.B. não usa meias palavras. Embora seja positivo e útil que as pessoas estudem “A Doutrina Secreta” como obra em si mesma e sem ir às referências e aos autores que HPB cita, é inegável que o estudo contextualizado será estimulante para alguns.

Assim também produziremos uma certa quantidade de textos, fazendo diversas pontes interdisciplinares entre a teosofia original e o pensamento convencional de hoje.

Iremos resgatar alguns pensadores esquecidos, como Wallace e Quatrefages, no que tange à questão da Evolução. A verdade é que Charles Darwin foi “adotado em bloco” com sua “seleção natural” em grande parte porque sua obra justifica a competição, e assim maravilhou tanto marxistas quanto capitalistas, embora por motivos diferentes. Os marxistas propõem a luta de classes, e os capitalistas a competição entre empresas, mas os dois campos têm em comum a exaltação da “vitória dos mais aptos”.

Porém, já Piotr Kropotkin mostrou indiscutivelmente em sua obra “El Apoyo Mutuo” que a ajuda mútua é fator mais importante, na evolução, do que a competição, e que as “espécies mais aptas” são, precisamente, aquelas que usam mais intensamente da cooperação entre si e com outras espécies.

Além do elogio à competição, outro motivo para que Darwin tenha sido “adotado na íntegra” é que ele ficou preso ao nível físico. Isso agrada a todos os materialistas, de “esquerda” e de “direita”.

Mas atualmente bastaria usar os próprios conceitos de Rupert Sheldrake e David Bohm – “campo mórfico” e “ordem implícita” – para ver que o processo da evolução das espécies ao longo da evolução planetária só se explica pela idéia da luz astral, ou akasha, como fonte e reservatório dos tipos físicos.

O próprio senso comum da primeira década do século 21 já rejeita em amplos setores a idéia de uma evolução cega da vida no plano físico, tal como imaginada por Darwin. Nos EUA há atualmente toda uma discussão popular sobre “intelligent design”, o “planejamento / intenção inteligente” que se pode observar na evolução do cosmo e da natureza.

Ou seja, a obra de Darwin está basicamente desatualizada, embora microcosmicamente os seus estudos tenham dado uma enorme contribuição em sua época.

A. R. Wallace, grande pensador científico, espiritualista e amigo de Darwin, pensava com mais amplitude e considerava que as espécies necessitavam da ajuda de uma inteligência superior, em sua evolução. A tese é teosófica, e constitui, esta sim, uma idéia atual e correta. Já J. L. Quatrefages fazia outro tanto, inclusive defendendo a idéia correta de que o ser humano é, na verdade, mais antigo do que os símios todos.

4. Estudante C - Um Trabalho Detalhado.

Sem dúvida. Este projeto de estudo da Doutrina Secreta aponta para um trabalho de esforço detalhado.

Lembrei de imediato uma reportagem da TV Cultura que abordou o tema dos pesquisadores laboriosos que não recebem o devido crédito pelo seu trabalho. E há um relato minucioso sobre Alfred Russell Wallace, do qual transcrevo:

“O trabalho de Wallace, intitulado ‘Sobre a Tendência de Variedades se Afastarem Infinitamente do Tipo Original’, mas conhecido como ‘o Estudo de Ternate’, o nome da cidade do leste da Indonésia da qual ele enviou o texto para Darwin, era a primeira explicação completa sobre o processo de seleção natural, que introduziu o conceito de ‘sobrevivência dos mais aptos’. Para simplificar uma história complexa, como resultado do estudo de Wallace,

Darwin se animou a concluir ‘A Origem das Espécies’, publicado em 1859. Sem dúvida teremos uma blitz de mídia em 2009, quando o mundo celebrará o 150º aniversário da publicação do best seller darwiniano. Wallace, que nem mesmo sabia que seu estudo havia sido lido na reunião da Linnean, continuou recolhendo espécimes e escrevendo sobre biogeografia, biologia das ilhas, alteração nos níveis do mar e antropologia do arquipélago malaio, uma região na qual ele passou oito produtivos anos, ainda que em relativo isolamento. Darwin, um membro da elite científica britânica, se tornou nome conhecido mundialmente. Wallace, que deixou a escola aos 14 anos e vinha de uma família modesta, se tornou apenas uma nota de rodapé na história da ciência (ainda que uma nota importante).”

Fonte: <http://gavetadoautor.wordpress.com/2008/06/29/grupo-defende-que-darwin-plagiou-a-teoria-da-evolucao/>

5. Estudante B - Alfred R. Wallace

Excelente. Alfred R. Wallace é amplamente citado por HPB em “A Doutrina Secreta”. Entre outros motivos para isso, ocorre que, com a sua "Biogeografia", ele deu indicações muito fortes sobre a existência de Lemúria e Atlântida. Além disso, Wallace foi espiritualista e não mecanicista – e também amigo pessoal de Charles Darwin.

É claro que Darwin também tem vários aspectos em comum com a teosofia. O que lhe faltou foi a amplitude filosófica.

6. Estudante D - Blavatsky e o Pêndulo.

Amigos, é necessário restituir à humanidade a percepção da sua verdadeira origem, e para isso será fundamental investigar os avanços científicos que têm vindo a comprovar a Antropogênese da Doutrina Secreta. A Teosofia constitui-se como uma esperança de manter a Ciência orientada para a verdade e para o bem.

Como escreveu HPB:

"O pêndulo do pensamento oscila entre dois extremos. Tendo-se finalmente emancipado dos grilhões da Teologia, a Ciência enveredou pelo erro oposto; e, em seu afã de interpretar a Natureza em um sentido puramente materialista, elaborou a mais extravagante de todas as teorias: a que faz o homem descender de um símio feroz e brutal. Essa doutrina encontra-se hoje tão arraigada, sob uma ou outra forma, que serão necessários esforços verdadeiramente hercúleos para a sua completa e definitiva extirpação. A antropologia de Darwin é o íncubo do étnologo, filha robusta do materialismo moderno, que se desenvolveu e adquiriu cada vez mais vigor à medida que a inépcia da lenda teológica da ‘criação’ se fazia mais e mais aparente. E medrou graças à estranha ilusão de que, como diz um reputado homem da ciência, ‘Todas as hipóteses e teorias acerca da origem do homem podem reduzir-se a duas (a explicação evolucionista e a versão exotérica da Bíblia)... Nenhuma outra hipótese é admissível...!’ A antropologia dos Livros Ocultos é, no entanto, a melhor resposta que se pode dar a uma afirmativa tão pouco razoável.” [In “A Doutrina Secreta”, de Helena Blavatsky, Ed. Pensamento, SP, Vol. IV, p. 258.]

7. Estudante B - O Caminho do Equilíbrio.

Perfeito. H.P.B. mostra nesta passagem que é necessário buscar o caminho do meio e do bom senso entre dois extremos. Um extremo imagina que há um deus pessoal e todo-

